

# **O USO DA AUDIODESCRIÇÃO COMO UM RECURSO INCLUSIVO EM UMA TURMA DE CIÊNCIAS DA EJA**

## **THE AUDIO DESCRIPTION USE AS A RESOURCE INCLUSIVE IN A SCIENCES CLASS OF EJA**

**Sabrina Gomes Cozendey**

Universidade Federal de São Carlos  
sgcfisica@yahoo.com.br

**Maria da Piedade Resende da Costa**

Universidade Federal de São Carlos  
piedade@ufscar.br

### **Resumo**

Este trabalho apresenta uma discussão sobre o uso de um vídeo audiodescrito, de ensino de ciências, em uma turma de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Participaram do estudo doze alunos do oitavo ano do ensino fundamental, um dos alunos tinha baixa visão. Foi desenvolvida uma proposta de produção de uma audiodescrição (AD) e uso do vídeo em que buscou-se analisar se a AD poderia facilitar a compreensão do conceito apresentado no vídeo. Primeiramente foi utilizado vídeo sem a AD e em uma segunda aula foi apresentado aos alunos o vídeo com AD. Após a apresentação dos vídeos foi proposta uma discussão com os alunos buscando entender qual vídeo favoreceria a compreensão do conceito. Para os alunos o vídeo audiodescrito é mais repetitivo e explicativo o que favoreceria a aprendizagem, além disso o vídeo audiodescrito permitiu ao aluno com baixa visão participar adequadamente das discussões.

**Palavras chave:** Ensino de Ciências, inclusão escolar, audiodescrição.

### **Abstract**

This paper presents a discussion of the use of a video audio described, teaching science in a class of Youth and Adult Education (EJA). Study participants were twelve students in the eighth grade of elementary school; one of the students had low vision, participated this study. A proposal for production have grown in an audio description (AD) and use of video in which we sought to examine whether the AD could facilitate the understanding of the concept presented in the video. It was first used video without AD and in a second class was presented to the students the video with AD. After the presentation of the videos proposed a discussion with students seeking to understand which video favor the understanding of the concept. For students the video audio described is more repetitive and explanatory, which would favor learning, also the video audio described allowed the student with low vision adequately participate in the discussions.

**Key words:** Science education, school inclusion, audio description.

## **Introdução:**

Nas últimas décadas, a inclusão de pessoas com deficiência nas classes comuns da rede regular de ensino vem sendo discutida e assumida como um direito fundamental em vários documentos nacionais e internacionais; entre os mais recentes estão: A Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988), a Declaração Mundial sobre Educação para Todos (UNESCO, 1990), a Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) (BRASIL, 1996), a Convenção da Guatemala (1999), ratificada pelo Decreto nº 3.956 (BRASIL, 2001), a Convenção dos Direitos das Pessoas Com deficiência (2007), ratificada e incorporada à constituição como Decreto Legislativo nº 186/2008 (BRASIL, 2008), a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2007), entre outros dispositivos legais.

Na LDBEN 9.394/96 é estabelecido o direito aos alunos com necessidades educacionais especiais (NEE) o acesso ao ensino especializado gratuito, preferencialmente na rede regular de ensino. Com esta determinação, as matrículas dos alunos com deficiência são asseguradas por lei. A LDBEN 9.394/96 também prevê que para incluir adequadamente os alunos com NEE é preciso pensar em práticas e currículo adequados. Com estas determinações previstas na lei, ampliam-se as discussões sobre o processo de inclusão de alunos com deficiência (BRASIL, 1996).

Segundo consta no documento a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva:

O movimento mundial pela educação inclusiva é uma ação política, cultural, social e pedagógica, desencadeada em defesa do direito de todos os alunos de estarem juntos, aprendendo e participando, sem nenhum tipo de discriminação. A educação inclusiva constitui um paradigma educacional fundamentado na concepção de direitos humanos, que conjuga igualdade e diferença como valores indissociáveis, e que avança em relação à ideia de equidade formal ao contextualizar as circunstâncias históricas da produção da exclusão dentro e fora da escola (BRASIL, 2007, p.5).

Na perspectiva da educação inclusiva a escola passa a ter uma nova função que é a de atender à diversidade de população, inclusive de alunos com deficiência (GÓES; LAPLANE, 2004). E para que um sistema educacional inclusivo funcione, deve ser capaz de oferecer oportunidades iguais para alcançar uma aprendizagem adequada a cada série, para as pessoas com e sem deficiência.

Quanto à inclusão, Rodrigues relata que:

[...] o conceito de inclusão no âmbito específico da educação implica inicialmente em rejeitar a exclusão (presencial ou acadêmica) de qualquer aluno da comunidade escolar. Para isso, a escola que pretende seguir uma política de educação inclusiva deve desenvolver práticas que valorizem a participação de cada aluno (RODRIGUES, 2006, p.302).

A educação inclusiva, para Rodrigues (2006, p. 303), portanto “pressupõe uma participação plena numa estrutura em que valores e práticas são delineados tendo em conta as características, interesses, objetivos e direitos de todos os participantes no ato educativo”.

O desafio do processo de inclusão é conseguir dar a todos os alunos condições igualitárias em relação à aquisição do conhecimento. Assim, pode-se considerar que um dos desafios desta

década imposto aos educadores é tornar eficaz o processo de inclusão das pessoas com deficiência nas classes regulares.

Ao se pensar na EJA o desafio pode ser ainda maior. Ao estudar a EJA, Ferreira relata que:

Jovens e adultos com deficiência constituem hoje ampla parcela da população de analfabetos no mundo porque não tiveram oportunidades de acesso à educação na idade apropriada. Nos países economicamente ricos, a maioria das pessoas com deficiência está institucionalizada, nos países economicamente pobres, está escondida, invisível na escola e nos vários espaços sociais. Em ambos os casos elas são privadas de oportunidades de aprendizagem formal e de desenvolvimento humano (FERREIRA, 2009, p.77).

A referida autora chama a atenção para “uma crescente conscientização das secretarias de educação e das comunidades escolares sobre a necessidade de incluir jovens e adultos com deficiência nas turmas de EJA, a fim de propiciar a convivência com seus pares da mesma faixa etária” (FERREIRA, 2009, p.77).

Para Ferreira (2009), a inclusão de pessoas com deficiência na EJA deve ser bem planejada, pois muitas práticas escolares contribuem para exclusão deste aluno. A autora diz que muitas pessoas associam a deficiência a uma incapacidade cognitivo-intelectual para aprender, o que leva a exclusão dessas pessoas (FERREIRA, 2009). Essa visão de que a deficiência está associada à incapacidade intelectual é inadequada, pois pessoas com deficiência visual, auditiva ou física podem alcançar um desenvolvimento intelectual proporcional ao de uma pessoa sem deficiência, mas de forma diferente, por meios diferentes.

Assim como os demais estudantes da EJA, o aluno com deficiência busca nesta modalidade de ensino a possibilidade de aprender os conhecimentos básicos que lhe garanta entrar no mundo de trabalho, ou seja, se preparar para a vida.

### **O aluno com deficiência visual e a Audiodescrição:**

Dentre os alunos com necessidades especiais que se encontram inseridos no contexto escolar estão os alunos com deficiência visual (DV). Conforme o decreto nº 5.296 (BRASIL, 2004) a deficiência visual abrange duas categorias: a de pessoas cegas e a de pessoas com baixa visão.

Deficiência visual - cegueira, na qual a acuidade visual é igual ou menor que 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica; a baixa visão, significa acuidade visual entre 0,3 e 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica; os casos nos quais a somatória da medida do campo visual em ambos os olhos for igual ou menor que 60°; ou a ocorrência simultânea de quaisquer das condições anteriores (BRASIL, 2004, p.1).

As pessoas com cegueira ou com baixa visão precisam de práticas educacionais diferenciadas, práticas estas que valorizem os sentidos não visuais. Esta realidade faz com que muitas vezes o aluno com DV seja excluído, isto porque, a maior parte dos recursos educacionais é visual. Um exemplo desta situação são os desenhos e representações apresentadas nos livros que só podem ser percebidos por meio da visão. Outro exemplo pode ser observado no momento que o professor utiliza uma animação, simulação ou um vídeo que tem um caráter audiovisual, e que em alguns casos não possibilita a compreensão da mensagem apenas com o recurso do áudio, e assim, o aluno com DV não consegue compreender adequadamente a mensagem do recurso didático.

Existe uma estratégia que pode tornar recursos didáticos como animações, simulações, vídeos entre outros, compreensíveis ao aluno com DV, a audiodescrição (AD).

A AD permite que pessoas com deficiência visual possam ouvir o que não pode ser visto em peças de teatro, no cinema e vídeo, e em exposições em museus, por exemplo. Com a AD o visual se torna verbal (SNYDER, 2005).

Silva et al (2010) diz que a AD é um serviço ou recurso cujo alvo são pessoas com DV e se caracteriza pela narração adicional de aspectos visuais da imagem tais como: vestuário, linguagem corporal, aspectos da cena (quarto, parque, árvores, carros, semáforos, entre outros). A AD deve descrever de forma concisa e objetiva as imagens apresentadas.

A AD pode aumentar o acesso às artes para as pessoas que frequentem exposições em museus, teatro, pessoas que assistem televisão ou cinema, e pode até mesmo melhorar a alfabetização das crianças (SNYDER, 2005). Segundo Snyder (2005), a AD “é útil para quem quer realmente observar e apreciar uma perspectiva mais completa em qualquer evento visual, mas é especialmente útil como uma ferramenta de acesso para pessoas cegas ou com baixa visão” (p.3- tradução do autor).

Em relação ao uso da AD no ensino destacamos dois trabalhos que apresentam experiências com o uso da audiodescrição como um recurso que favorece a aprendizagem de conceitos. Em “Lights, Cameras, Pencils! Using Descriptive Video to Enhance Writing”, Hoffner, Baker e Quinn (2008) apresentam uma investigação em que a AD foi utilizada como um recurso educativo. O artigo relata o uso de filmes comerciais em sala de aula. Alunos do primeiro ano, que não apresentavam limitações visuais, observaram dez minutos do filme Rei Leão audiodescrito. Segundo as autoras os alunos aumentaram seu vocabulário e aprenderam palavras novas ao observar a AD das imagens apresentadas no filme. Em outro momento da pesquisa foi proposto a um grupo de alunos, que não apresentava limitações visuais, observar por dez minutos um filme, como E.T. e após a projeção foi solicitado aos alunos que propusessem audiodescrições para o trecho do filme observado. As autoras concluíram que essa estratégia pode proporcionar aos alunos um aumento em sua compreensão e construção de vocabulário. Assim, para as autoras a programação audiodescrita pode melhorar a compreensão e vocabulário de todos os alunos, independentemente se este tem ou não uma limitação visual, assim a AD não seria um recurso exclusivo para pessoas com deficiência visual, poderia ser utilizado normalmente em uma turma que não tivesse alunos com limitações visuais.

Em “The Audio Description of Scientific Multimedia”, Camara e Espasa (2011) discutem o uso de audiodescrições em documentários que apresentam conceitos científicos. O artigo relata um estudo de caso em que o documentário “The Rhythms of Life” é audiodescrito, na Espanha. Esta AD aumentou a duração do filme em 15 minutos, de 60 minutos para 75. Isso aconteceu porque as audiodescrições foram introduzidas no vídeo, em momentos em que as imagens foram congeladas. Esta estratégia foi utilizada para garantir a compreensão do conceito apresentado, quando o espaço de tempo entre uma fala e outra era muito pequeno. Os autores discutem que esta técnica só pôde ser utilizada porque o documentário não foi utilizado no cinema, se assim fosse, seria impossível congelar as imagens para fazer a AD, mas como o objetivo era tornar o conceito compreensível para o uso em nível de informação, a estratégia pode ser desenvolvida.

Conforme o apresentado é possível inferir que a AD consiste em um recurso eficaz, que contribui para uma maior inclusão do aluno com DV e que ao mesmo tempo favorece a aprendizagem dos outros alunos sem esta deficiência.

Entende-se que o uso de recursos visuais não é a estratégia mais adequada para a comunicação com alunos que tenham DV. Contudo, ao pensar em inclusão é preciso pensar em todos os alunos, e os recursos audiovisuais são muito importantes no ensino e no processo da aprendizagem, e assim, uma solução que surge para tornar as práticas escolares ainda mais

inclusivas: é o uso da AD.

## **Método:**

Para analisar as potencialidades do uso da AD em turmas de EJA foi produzida uma AD de um vídeo de ciências. Assim como, uma proposta de uso do vídeo para analisar se o vídeo com AD possibilita melhor compreensão do conceito do que o vídeo sem AD.

### Produção da AD

Buscando analisar as potencialidades do uso da AD em uma turma de EJA foi desenvolvida uma AD de um vídeo de ciências distribuído pelo Ministério da Educação do Brasil (MEC).

Foi escolhido o vídeo: “Os Curiosos – Trabalho e Potência”, desenvolvido pelo Instituto Brasileiro de Educação e Tecnologia de Formação a Distância (IBTF), para ser audiodescrito no trabalho aqui apresentado. Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons - © 2010 – MEC e MCT. Este vídeo foi escolhido por apresentar os conceitos discutidos relacionando-os com situações cotidianas, situações estas comuns aos alunos da EJA, e que assim poderiam favorecer as discussões em sala de aula.

### Uso do vídeo audiodescrito

Este trabalho foi desenvolvido em uma turma de oitavo ano do ensino fundamental da EJA. Doze alunos participaram das discussões, um dos alunos tinha baixa visão. Todos os alunos da turma tinham mais de 30 anos.

Para analisar as potencialidades do vídeo e da AD desenvolvida organizou-se a aula de forma a explorar o vídeo para explicar o conceito. Primeiramente foi apresentado o vídeo sem AD. Em seguida solicitou-se aos alunos que respondessem a uma simples pergunta: como você explicaria vídeo a um amigo? A ideia era fazer os alunos falarem e explicarem o vídeo com suas palavras, e assim seria possível perceber o que os alunos entenderam. O que importava era criar um ambiente de aprendizagem de A com B, e não de A sobre B, toda opinião era bem vinda, na verdade estávamos mais interessados nas opiniões dos alunos, no que eles conseguiram compreender e se o recurso utilizado foi adequado ou não.

Em uma segunda aula foi apresentado o vídeo com AD. E em seguida foi solicitado aos alunos a responderem novamente a pergunta feita anteriormente (Como você explicaria o vídeo a um amigo?). Com essa estratégia buscou-se observar se houve ou não compreensão do conceito, e a reação dos alunos em relação ao uso do vídeo audiodescrito.

Assim, as duas aulas foram totalmente organizadas em função do vídeo que foi apresentado duas vezes, primeiro sem AD e depois audiodescrito. Ao final da segunda aula os alunos foram questionados sobre os vídeos utilizados, lhes foi perguntado: qual vídeo você gostou mais? E porquê? Com essa pergunta buscou-se analisar se o vídeo audiodescrito foi bem aceito, se os alunos não ficaram incomodados em assistir um vídeo que em alguns momentos tem a tela congelada para que a AD seja feita. Esta informação é muito importante, pois procura-se desenvolver um recurso que possa favorecer a aprendizagem de todos os alunos, e que assim possa ser utilizado em qualquer classe, com ou sem aluno com deficiência visual.

Por isso, a proposta de discussão do vídeo foi bem aberta. Os alunos da EJA sabem o que é melhor para eles e como aprendem mais facilmente, assim proporcionamos um ambiente de discussão onde os alunos poderiam ficar à vontade para falar o que acharam dos dois vídeos, e qual consideraram mais adequado para o seu processo de ensino e aprendizado.

## **RESULTADOS E ANÁLISES**

Para responder ao questionamento proposto: como você explicaria o vídeo a um amigo? Os alunos da turma foram divididos em quatro grupos.

Cada grupo expressou o que compreendeu do vídeo oralmente e também registrou sua explicação por escrito, a aula foi gravada para favorecer a análise posterior. As explicações orais foram mais informativas, segundo os alunos eles preferem falar do que escrever.

Nas discussões com os grupos buscou-se observar se o conceito apresentado no vídeo havia sido compreendido e se a estrutura do vídeo estava adequada.

Cada Grupo se preocupou em explicar ou falar sobre a parte que mais lhe chamou a atenção no vídeo. O Grupo 1 demonstrou ter compreendido a explicação apresentada no vídeo. Ao explicar o vídeo o grupo disse: “a bicicleta, ele tem que pedalar mais, pois a luz ela vai clarear de acordo com a velocidade. E potência também, se tiver mais potência clareia mais”. O vídeo não utilizou esta frase ou algo parecido para explicar o conceito de trabalho ou de potência. O Grupo 1 com suas palavras conseguiu expressar o conceito apresentado no vídeo. O Grupo 1 disse que quanto maior a potência maior será a claridade do farol. O que está correto, quanto mais rápido o garoto pedalar, mais trabalho será realizado e a potência será maior, pois a potência é o tempo gasto para realizar o trabalho, se o trabalho é feito em menos tempo maior será a potência. Os Grupos 2 e 4 apresentaram discussões de questões mais gerais do vídeo, não apresentaram explicações para os conceitos de trabalho e potência. Já o Grupo 3 disse: “o boneco está pensando, não realiza força e não se deslocava, não poderia estar realizando trabalho”. Mesmo apresentado uma explicação simples, o Grupo 3 mostrou ter compreendido uma parte importante do vídeo, que para ter trabalho em física é preciso ter força e deslocamento.

Após a apresentação do vídeo com AD, os alunos disseram que o vídeo audiodescrito é mais explicativo e em alguns momentos repetitivo. Com a apresentação do vídeo audiodescrito um aluno do Grupo 2 perguntou o que era um dínamo. Esta pergunta chamou a atenção pelo fato desta discussão ter sido realizada quando foi apresentado o vídeo sem AD. Essa informação pode indicar que com o vídeo audiodescrito é possível prestar a atenção a detalhes que passam despercebidos quando é utilizado um vídeo sem AD. Uma aluna, do Grupo 3, também disse que a parte do vídeo que explicava o funcionamento do dínamo havia lhe chamado a atenção. Novamente vale lembrar que esta explicação já havia sido apresentada anteriormente, na aula em que foi utilizado o vídeo sem AD.

Ao término das discussões com os alunos foi solicitado que respondessem a uma última questão: qual vídeo você gostou mais? E porquê? Todos os grupos disseram que gostaram mais do vídeo com AD. Para alguns alunos o vídeo audiodescrito é mais explicativo, o que ajuda a compreender o conceito. Alguns alunos tentaram dar uma explicação politicamente correta, então foi lhes explicado que o que importava era sua opinião. Neste trabalho buscava-se entender se o vídeo audiodescrito poderia ser um recurso positivo no ensino de ciências para alunos sem deficiência, pois a ideia é construir uma proposta de ensino que seja boa para todos, na qual alunos com e sem deficiência visual possam aprender juntos. Por isto, foi solicitado aos alunos que considerassem somente o que eles acharam do vídeo, pensando na forma como aprendem ou como gostariam que fossem as aulas. É apresentado a seguir, um trecho da discussão desenvolvida entre o professor (P) e o aluno T:

*T: Eu acho que ficou mais fácil o segundo vídeo para entender.*

*P: É isso que eu quero saber. Esse é um recurso para favorecer a aprendizagem da pessoa cega. Mas será que não favorece a aprendizagem das outras pessoas também?*

*T: Favorece sim. É mais fácil, ainda mais para mim, que meu cérebro não é muito bom.*

Todos os alunos consideraram o vídeo com AD como mais fácil de compreender quando comparado ao mesmo vídeo sem AD.

Vale destacar que o aluno com baixa visão participou ativamente das discussões que ocorreram na segunda aula e disse ter gostado muito do vídeo audiodescrito.

Para finalizar a análise do vídeo foi perguntado aos alunos se o congelamento da tela para fazer a AD gerava algum incômodo. Todos os alunos disseram que o congelamento da tela para fazer a AD não atrapalhava e não incomodava.

## **CONCLUSÕES**

Com as duas aulas na turma de EJA foi possível perceber que o formato da AD, feita em momentos em que a tela é congelada, não causou nenhum incômodo, todos os alunos aprovaram ao vídeo com AD. Os participantes disseram que o vídeo audiodescrito é mais repetitivo, contudo mais explicativo, o que segundo eles é bom, pois facilita a compreensão da explicação.

Foi possível perceber que após a apresentação do vídeo com AD os alunos demonstraram ter entendido partes do vídeo que anteriormente não foram compreendidas. Um aluno, após assistir ao vídeo audiodescrito, perguntou o que era um dínamo, essa explicação já havia sido feita, e algumas discussões também. Porém o aluno só percebeu que havia um dínamo, e que ele não sabia o que era, após a apresentação do vídeo com AD. É claro que ao apresentar um recurso didático pela segunda vez, é possível se perceber detalhes não observados anteriormente. Contudo, como houve uma discussão sobre a explicação do conceito de trabalho, o fato dos alunos só perceberem que havia um dínamo e que não sabiam o que era isso, depois da apresentação do vídeo audiodescrito, nos leva a acreditar que a AD os ajudou a perceber este detalhe.

Não é possível, e nem foi objetivo deste trabalho avaliar a aprendizagem dos conceitos discutidos. O objetivo deste trabalho era analisar a aceitação da proposta de trabalhar com um vídeo audiodescrito por alunos da EJA com e sem deficiência visual. Pode-se dizer que o vídeo audiodescrito foi bem aceito, e mais do que isso, os alunos disseram preferir o vídeo com AD ao vídeo AD.

As análises das discussões desenvolvidas com os participantes da pesquisa nos permitem admitir a ideia de que a AD pode ser utilizada em turmas de EJA independentemente de ter um aluno incluído ou não. A AD pode ajudar os alunos a perceberem detalhes que passam despercebidos e assim a aprenderem mais. Como os alunos da EJA muitas vezes estudam no período da noite depois de um dia de trabalho, muitas vezes estão cansados e não conseguem se concentrar, o uso da AD nas aulas de EJA pode ajudar os alunos a terem maior atenção e compreenderem melhor a explicação.

## **Agradecimentos e apoios**

FAPESP por financiar o estudo – Processo 2013/05004-4

## **Referências**

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**, de 05 de outubro de 1988.

BRASIL. **LEI N° 9.394**, de 20 de Dezembro de 1996.

BRASIL. **Convenção Interamericana para a Eliminação de todas as formas de Discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência**. Convenção da Guatemala, de 28 de maio de 1999, ratificada pelo Decreto n° 3.956, de 8/10/2001.

BRASIL. **Decreto n° 5.296**, de 2 dezembro de 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial (SEESP). **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília, Out 2007, p.0-15.

BRASIL. **Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência**. Ratificados pelo Congresso Nacional pelo decreto legislativo n° 186/2008 em 09/07/2008.

CAMARA, L.; ESPASA, E. The Audio Description of Scientific Multimedia. In: **TRANSLATOR**, v. 17, Ed. 2, p. 415-437, Edição especial: SI, 2011.

FERREIRA, W. B. EJA & Deficiência: estudo sobre a oferta a modalidade EJA para estudantes com deficiência. In AGUIAR, Márcia Angela. (Org.) **Educação de Jovens e Adultos: O que dizem as pesquisas?** Ministério da Educação/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – SECAD: Universidade Federal de Pernambuco/Coordenação de Educação a Distância. 2009.

GÓES, M. C.; LAPLANE, A. (Orgs.). **Políticas e práticas de educação inclusiva**. Campinas, SP: Autores Associados, p. 69-92, 2004.

HOFFNER, H.; BAKER, E.; QUINN, K. Lights, Cameras, Pencils! Using Descriptive Video to Enhance Writing. In: **Reading Teacher**, v.61, n.7, p. 576-579, 2008.

RODRIGUES, D. Dez idéias (mal)feitas sobre a educação inclusiva. In: (2006) David Rodrigues (Org.). **Inclusão e Educação: doze olhares sobre a Educação Inclusiva**, São Paulo. Summus Editorial, 2006, p.1-16.

SILVA, F.; BONA, V.; SILVA, A.; CARVALHO, I.; SILVA, E. Reflexões sobre o pilar da áudio-descrição: “Descreva o que você vê”. **Revista Brasileira de Tradução Visual**, v. 4, n° 4, 2010.

SNYDER, J. Audio description: The visual made verbal. In: **International Congress Series**, v.1282, p.935-939, 2005.

UNESCO. **Declaração Mundial sobre Educação para Todos: satisfação das necessidades básicas de aprendizagem**. Jomtien, 1990.

UNESCO. **Declaração de Salamanca Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais**. Procedimentos-Padrões das Nações Unidas para a Equalização de Oportunidades para Pessoas Portadoras de Deficiências, A/RES/48/96, Resolução das Nações Unidas adotada em Assembléia Geral.